

A Iniciação à Vida Cristã a partir de Aparecida: perspectivas catequéticas após o primeiro decênio da Conferência

*The Christian Initiation from Aparecida:
catechetical perspectives after the first decade of the Conference*

*Abimar Oliveira de Moraes
Eduardo Antonio Calandro*

Resumo

Este artigo objetiva, partindo, do texto das conclusões da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe de Aparecida, apresentar algumas perspectivas catequéticas após o primeiro decênio da realização da Conferência. Após analisar os quinze parágrafos do Documento de Aparecida dedicados à Iniciação Cristã, o artigo propõe que, para a construção desse novo paradigma pastoral, três desafios educativos precisam ser enfrentados tanto pela teologia como pela pastoral catequética: 1) a consciência de um processo de maturação cristã; 2) o estado de formação permanente da comunidade cristã; e 3) a dimensão educativa da liturgia.

Palavras-chaves: Iniciação à Vida Cristã. Catequese. Teologia Pastoral.

Abstract

This article aims to present some catechetical perspectives after the first decade of the Conference, starting from the text of the conclusions of the Fifth General Conference of the Latin American and Caribbean Episcopate of Aparecida. After analyzing the fifteen paragraphs of the Document of Aparecida dedicated to Christian Initiation, the article proposes that for the construction of this new pastoral paradigm, three educational challenges must be faced by both theology and catechetical pastoral: 1) the awareness of a

process of maturation Christian; 2) the state of ongoing formation of the Christian community; and 3) the educational dimension of the liturgy.

Keywords: Christian Initiation. Catechesis. Theology Pastoral.

Introdução

A Iniciação à Vida Cristã é um dos pontos centrais da vida e da ação pastoral da Igreja. O que a V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe de Aparecida tem a dizer a respeito do tema Iniciação à Vida Cristã não se reduz aos quinze números que no documento final foram dedicados ao tema,¹ pois todo o tema da missão evangelizadora e do discipulado missionário pode e deve ser lido em chave catequética. Talvez por essa razão, no documento conclusivo, temas intimamente unidos à catequese ou que pertencem ao âmbito da catequese, sejam tratados em outros lugares.

Para Alves de Lima, a originalidade de Aparecida, nesse campo, encontra-se em propor “a retomada na Igreja da dimensão iniciática da fé, ou seja, a perspectiva catecumenal”.² Nesse sentido, um dos textos fundamentais seria o seguinte:

Assumir esta iniciação cristã exige não só uma renovação de modalidade catequética da paróquia. Propomos que o processo catequético de formação adotado pela Igreja para a iniciação cristã seja assumido em todo o Continente como a maneira ordinária e indispensável de introdução na vida cristã e como a catequese básica e fundamental.³

Essa dinâmica catecumenal apresentada por Aparecida, mais do que nos colocar diante de um caminho metodológico novo, em verdade, nos situa diante de um desafio ainda maior: a construção de um novo paradigma evangelizador que permeie todas as ações de uma comunidade eclesial.

Contudo, é preciso reconhecer que o processo de construção desse novo paradigma tem acontecido e continuará acontecendo ao lado de experiências pastorais que permanecem entendendo a catequese como instrução e aprendizado intelectual. É nesse cenário de “permanências” que devemos

¹ DAp 286-300.

² ALVES DE LIMA, L., A Catequese do Vaticano II aos nossos dias, p. 210.

³ DAp 294.

assumir o grande desafio de recolocar a catequese dentro do grande quadro da iniciação à vida cristã, onde ela, de fato, nasceu. Especificamente, como educação da fé a catequese hoje é convidada a encontrar um novo caminho, à medida que redescobre suas origens, isto é, o estar a serviço da iniciação à vida cristã.

Somente aí, movida por uma inspiração catecumenal, segundo a Conferência de Aparecida, a catequese encontrará seu futuro e suas possibilidades. Tornando-se um potente instrumento formador de discipulado missionário.

No presente artigo, propomos que, para a construção desse novo paradigma, três desafios educativos precisam ser enfrentados tanto pela teologia como pela pastoral catequética: 1) a consciência de um processo de maturação cristã; 2) o estado de formação permanente da comunidade cristã; e 3) a dimensão educativa da liturgia. Antes, porém de nos debruçarmos sobre esses três desafios educativos, iniciaremos nos concentrando nos quinze números explicitamente dedicados ao tema no documento emanado pela Conferência.

1. A Iniciação à Vida Cristã no Documento de Aparecida

O Documento de Aparecida está estruturado em dez capítulos, distribuídos em três partes. O esquema gravita em torno do conceito de *Vida*, já explicitado no tema da V Conferência: “Discípulos e Missionários de Jesus Cristo para que n’Ele nossos povos tenham vida”. Por essa razão, a primeira parte é intitulada: a vida de nossos povos hoje (ver); a segunda parte: a vida de Jesus Cristo nos discípulos-missionários (julgar); e a terceira parte: a vida de Jesus Cristo para nossos povos (agir).

É possível perceber que o texto está embebido da preocupação catequética, seja em sua linguagem, bem como em sua preocupação evangelizadora. Nele, temos uma distinção entre a iniciação como catequese básica e a formação permanente, como catequese continuada. O enfoque principal do Documento está na formação de discípulos-missionários de Jesus Cristo.

Embora, tal preocupação com a catequese esteja presente em todo o Documento, entre os números duzentos e sessenta e oito a trezentos (268-300), encontramos estritas referências sobre o processo catequético. Para anunciar bem o Evangelho, a Igreja deve estar atenta aos sinais dos tempos. Não pode responder a perguntas que não foram feitas, sob um grande risco de oferecer

“respostas” a perguntas que não foram postas. Como Igreja discípula-missionária deve conhecer a realidade e a sede dos novos interlocutores de hoje, e do como participar das alegrias e esperanças das pessoas deste nosso tempo.

O Documento considera como anunciar a Boa Nova e formar discípulos-missionários no hoje da nossa história, atentos aos sinais dos tempos e a partir da nossa realidade. Para isso, a ação evangelizadora da catequese deve ser/estar inculturada para favorecer o encontro com Jesus Cristo.

Para livrar-nos do risco de fazer uma análise negativa da realidade, focando no apontar as dificuldades, as sombras que vivemos no atual contexto de mudança de época, preferimos ver as luzes que herdamos, conscientes do caminho que já percorremos até aqui.

Sabemos que as mudanças culturais têm dificultado a transmissão da fé. Há um distanciamento da prática cristã que não é herdada mais no ambiente familiar. Papel importante nesse cenário desempenha a inadequada linguagem e realização da catequese, pouco significativa e desconexa da cultura atual. A catequese precisa redescobrir sua tarefa de ser um canal privilegiado para a transmissão da fé.

O Documento de Aparecida tem diante de si essa catequese que não ajudou a muitos na construção de uma identidade cristã sólida.⁴ Em grande parte, porque ela tem sido ocasional, uma ação pastoral de um momento específico que antecede os ritos sacramentais de iniciação cristã.⁵ Além disso, a catequese tem sido puramente doutrinal, não se dedicando à formação da fé integralmente.⁶ Com isso, a Iniciação Cristã fragmentou-se, não propondo mais um itinerário de discipulado-missionário que seja composto de querigma, catequese e mistagogia.⁷

Tal tema da catequese a serviço da Iniciação à Vida Cristã aparece, em especial, no sexto capítulo do Documento. Nesse capítulo, ela é apresentada como processo de formação dos discípulos-missionários. Assim se expressa Aparecida:

Ser discípulo é dom destinado a crescer. A iniciação cristã dá a possibilidade de uma aprendizagem gradual no conhecimento, no amor e no seguimento de Cristo. Dessa forma, ela forja a identidade cristã com as convicções fundamentais e acompanha a busca do sentido da vida.⁸

⁴ DAp 297.

⁵ DAp 298.

⁶ DAp. 299.

⁷ DAp 287.

⁸ DAp 291.

No parágrafo seguinte, o Documento apresenta algumas características do discipulado missionário:

Como características do discípulo, indicadas pela iniciação cristã, destacamos: que ela tenha como centro a pessoa de Jesus Cristo, nosso Salvador e plenitude de nossa humanidade, fonte de toda maturidade humana e cristã; que tenha espírito de oração, seja amante da Palavra, pratique a confissão frequente e participe da Eucaristia; que se insira cordialmente na comunidade eclesial e social, seja solidário no amor e fervoroso missionário.⁹

Como se vê a primeira característica importante é o encontro com a pessoa de Jesus Cristo, mediante o anúncio do querigma que desperta e encanta o interlocutor; a segunda está relacionada com o processo de humanização daquele que encontrando Jesus, compreende-se, sempre mais, como humano; a terceira é o seguimento dos ensinamentos e práticas do Mestre. Dessas três, como consequência, derivam a quarta que é a comunhão eclesial e social e a quinta que é o testemunho e a missão.

Tais características do “discipulado” apontam na direção de que o interlocutor da catequese amadurece permanentemente no conhecimento, no amor e no seguimento de Jesus. Nesse processo, são de fundamental importância a catequese permanente e a vida sacramental, que fortalecem a conversão inicial e permitem que os discípulos adentrem numa “verdadeira escola de formação integral”.¹⁰

Por isso, a catequese não pode ser um programa, mas precisa ser a comunicação de uma experiência,¹¹ devendo estar inculturada na realidade a fim de favorecer o encontro com a pessoa de Jesus Cristo.

Ao relacionar a Iniciação à vida cristã e a Catequese permanente, o Documento de Aparecida explicita sua grande preocupação com os “cristãos afastados”.¹² A afirmação de que existem “cristãos afastados” é uma forte crítica aos nossos processos catequéticos, pois questiona a maneira como até aqui educamos na fé: “ou educamos na fé, colocando as pessoas realmente em

⁹ DAp 292.

¹⁰ DAp 299.

¹¹ DAp 145.

¹² DAp 286-288.

contato com Jesus Cristo e convidando-as para segui-lo, ou não cumpriremos nossa missão evangelizadora”¹³

Para Aparecida, a catequese deve ser uma formação orgânica e sistemática da fé, não se reduzindo ao ensinamento (catequese conceitual), mas conduzindo ao seguimento (catequese experiencial). No texto, percebemos que ela não deve ser entendida apenas como momento preparativo aos sacramentos da iniciação cristã (Batismo, Crisma e Eucaristia), mas como preparação para o discipulado-missionário, para uma vivência cristã na igreja e na sociedade.

O Documento apresenta, também, as propostas para a iniciação cristã.¹⁴ Recorda a importância de começarmos pela apresentação do querigma cristão, guiados pela Palavra de Deus que aproxima pela primeira vez à pessoa de Jesus Cristo, conduzindo à conversão e ao seguimento numa comunidade eclesial que se torna espaço de amadurecimento, de prática sacramental e de serviço.¹⁵

De fato, a maior parte dos novos interlocutores necessita do primeiro anúncio, de um primeiro passo para a conversão, de um encaminhamento ao discipulado. Por essa razão, a catequese precisa ser querigmática, não tomando nada por certo ou adquirido previamente. Por isso, Aparecida insiste numa formação processual e integral do discípulo.

A catequese a serviço da iniciação à vida cristã forja, assim, uma nova identidade cristã: discípulos-missionários cristocêntricos, orantes, amantes da Palavra de Deus, praticantes dos sacramentos e inseridos nas comunidades eclesial e social.¹⁶

O Documento augura, também, por uma catequese mistagógica, ou seja, que tenha caráter experiencial-celebrativo,¹⁷ dando “a possibilidade de uma aprendizagem gradual no conhecimento, no amor e no seguimento de Cristo”¹⁸ no cultivo da amizade com Cristo na oração, no apreço (não meramente estético) pela celebração litúrgica, na experiência comunitária e no compromisso de serviço para com os demais.¹⁹

Guiada pelo querigma e pela mistagogia, a catequese promove adesão pessoal a Cristo numa comunidade concreta. Por isso mesmo, a iniciação à vida cristã não é entendida como missão exclusiva da pastoral da catequese, mas

¹³ DAp 286.

¹⁴ DAp 289-294.

¹⁵ DAp 288.

¹⁶ DAp 292.

¹⁷ DAp 289.

¹⁸ DAp 291.

¹⁹ DAp 129.

como uma tarefa que envolve toda a comunidade, em sua diversidade ministerial, mas a partir de um plano pastoral orgânico:

Os desafios que apresenta a situação da sociedade na América latina e no Caribe requerem identidade católica mais pessoal e fundamentada. O fortalecimento dessa identidade passa por uma catequese adequada que promova adesão pessoal e comunitária a Cristo, sobretudo nos mais fracos na fé. É tarefa que cabe a toda comunidade de discípulos.²⁰

Para Aparecida, é importante que os bispos, reunidos em suas Conferências Episcopais, promovam um processo catequético orgânico e progressivo, tendo como base o *Diretório Geral para a Catequese* e sua indicação de que a catequese com adultos traz consigo múltiplas e variadas exigências e necessidades.²¹ Baseada na leitura e meditação da Palavra de Deus,²² a catequese não se reduz ao seu momento de formação doutrinal, mas se esforça em ser uma verdadeira escola de formação integral.²³

Em todo esse processo, segundo Aparecida, a paróquia é o lugar por excelência da Iniciação Cristã, desde que se entenda em estado de conversão pastoral,²⁴ assumindo um compromisso de renovação da sua modalidade catequética. Por isso o Documento propõe que o esse processo catequético de formação discipular seja assumido em todo o Continente e por todos os agentes de pastoral (leigos e ordenados) como a maneira ordinária, básica, fundamental e indispensável de introdução à vida cristã,²⁵ preparando para uma catequese permanente, num processo de amadurecimento da fé gradual e contínuo.²⁶

Em nossas culturas latino-americanas e caribenhas, sabemos a relevância que a piedade e a religiosidade popular possuem. Por isso, o Documento recorda a importância da valorização desses dois aspectos na catequese:

Deve-se dar catequese apropriada que acompanhe a fé já presente na religiosidade popular. Maneira concreta pode ser a oferta de um processo de iniciação cristã com visitas às famílias, onde não só se comuniquem a elas os conteúdos da fé, mas que também as conduza à prática da oração familiar, à leitura orante da Palavra de Deus e ao desenvolvimento das

²⁰ DAp 297.

²¹ DGC 172-176.

²² DAp 298.

²³ DAp 299.

²⁴ DAp 293.

²⁵ DAp 294.

²⁶ DAp 295-300.

virtudes evangélicas, que as consolidem cada vez mais como Igrejas domésticas.²⁷

Para que aconteça uma evangelização integral da pessoa é preciso cuidar da evangelização da família, por isso, o Documento destaca o papel família na catequese. A família é a primeira escola da fé.²⁸ Valoriza e incentiva a catequese familiar já implementada de diversas maneiras, que tem se revelado como ajuda proveitosa à unidade das famílias, oferecendo possibilidade eficiente de formar os pais de família, os jovens e as crianças como testemunhas em suas respectivas comunidades.²⁹

O Documento sugere uma catequese atrativa para os jovens, a fim de que estes sejam introduzidos no mistério de Cristo. Ela buscará apresentar-lhes a beleza da vivência cristã, levando-os a descobrir nela o Cristo vivo e o mistério fascinante da pertença à sua comunidade discipular. Para tanto, é necessário gradualmente aos jovens o exercício da leitura orante da Palavra de Deus e a oração pessoal.³⁰

Diante de uma catequese de conteúdos não atrativos, o Documento propõe a revisão de conteúdos dos diversos itinerários catequéticos (adultos, jovens, adolescentes, crianças, dentre outros) e das atividades relacionadas à catequese a fim de favorecer o anúncio e a reflexão sobre a identidade cristã e vocação de serviço na igreja e na sociedade:

Revisar os conteúdos das diversas catequese preparatórias aos sacramentos, como as atividades e movimentos eclesiais relacionados com a pastoral familiar, para favorecer o anúncio e a reflexão sobre a vocação que o homem é chamado a viver no matrimônio, na família, na Igreja e na sociedade.³¹

Diante de uma catequese insuficiente em sua linguagem, a partir do contexto atual, de grande virada tecnológica e digital, o Documento destaca o

²⁷ DAp 300.

²⁸ A esse respeito ver os dois artigos em preparação ao Sínodo das Famílias e após a publicação de *Amoris Laetitia*: MORAES, A., Família, “lugar primeiro” da transmissão da fé, p. 71-88; MORAES, A., Desafios e perspectivas à Pastoral Familiar, 580-598.

²⁹ DAp 303.

³⁰ DAp 446d.

³¹ DAp 463a.

valor da cultura midiática no campo da catequese.³² Em nossos tempos, o primeiro anúncio, a catequese e aprofundamento da fé não podem prescindir dos da cultura midiática digital. Por essa razão, nesse campo, Aparecida assume alguns compromissos:

- a) Conhecer e valorizar esta nova cultura da comunicação.
- b) Promover a formação profissional na cultura da comunicação de todos os agentes e cristãos.
- c) Formar comunicadores profissionais competentes e comprometidos com os valores humanos e cristãos [...].
- d) Apoiar e otimizar, por parte da Igreja, a criação de meios de comunicação social próprios [...].
- e) Estar presente nos meios de comunicação de massa [...].
- f) Educar na formação crítica quanto ao uso dos meios de comunicação [...].
- g) Animar as iniciativas existentes ou a serem criadas neste campo, com espírito de comunhão.
- h) Suscitar leis para promover nova cultura que proteja as crianças, os jovens e as pessoas mais vulneráveis [...].
- i) Desenvolver uma política de comunicação capaz de ajudar tanto as pastorais da comunicação como os meios de comunicação de inspiração católica.³³

Recorda, também, a necessidade de criar oportunidades para utilização da arte de qualidade na catequese, assim como, nas diferentes pastorais da Igreja:

Cabe também à Igreja da América Latina e do Caribe criar oportunidades para a utilização da arte na catequese de crianças, adolescentes e adultos, assim como nas diferentes pastorais da Igreja. É necessário também que as ações da Igreja nesse campo sejam acompanhadas pelo melhoramento técnico e profissional exigido pela própria expressão artística.³⁴

A ação catequética deve ser sempre inserida num determinado contexto vital, nunca alienada. Por isso, o Documento destaca a importância da dimensão sócio-transformadora da catequese. É tarefa da catequese promover o anúncio e o testemunho do amor e da justiça, para que se despertem na sociedade as

³² Desde a Conferência de Medellín, o CELAM sempre esteve atento às questões relativas à Comunicação Social. A esse propósito ver: MORAES, A., A comunicação social na reflexão do Conselho Episcopal Latino-americano, p. 90-114.

³³ DAp 486.

³⁴ DAp 499.

forças espirituais necessárias e se desenvolvam os valores cristãos sociais.³⁵ O Documento se compromete com uma catequese sócio-transformadora incisiva, pois a vida cristã não se expressa somente nas virtudes pessoais, mas também nas mudanças sociais e políticas:

A coerência entre fé e vida no âmbito político, econômico e social exige na formação da consciência, que se traduz no conhecimento da Doutrina Social da Igreja. [...] A V Conferência se compromete a levar a cabo uma catequese social incisiva, porque a vida cristã não se expressa somente nas virtudes pessoais, mas também nas virtudes sociais e políticas.³⁶

Após essa sucinta análise de alguns aspectos catequético presentes no texto de Aparecida, gostaríamos de apresentar três desafios educativos para que a catequese se coloque a serviço da iniciação à vida cristã: 1) a consciência de um processo de maturação cristã; 2) o estado de formação permanente da comunidade cristã; e 3) a dimensão educativa da liturgia. Tais desafios não são os únicos, mas aqueles que julgamos, os mais prementes porque já em ato nesse primeiro decênio de recepção do Documento de Aparecida.

2. A consciência de um processo de maturação cristã

Todo o quarto capítulo do Documento de Aparecida é dedicado à vocação dos discípulos-missionários.³⁷ Nele se recorda que, admirando-se pela pessoa de Jesus,³⁸ o discípulo missionário experimenta uma vinculação íntima com Ele, assumindo “seu estilo de vida e suas motivações”.³⁹ As características requeridas para tal discipulado, contudo, não são mero fruto das capacidades pessoais do discípulo, mas são fruto de um itinerário pedagógico gradual que lhe deve ser ofertado.

A Igreja primitiva entendeu que a iniciação ao conhecimento do Evangelho e a sua integração na vida não se dariam em pouco tempo, mas requereriam longo tempo e momentos sucessivos de maturação. Em nossos dias, inspirados por Aparecida, faz-se necessário precisar, mediante uma aproximação ao Novo Testamento, esses diversos momentos.

³⁵ DAp 385.

³⁶ DAp 505.

³⁷ DAp 129-153.

³⁸ DAp 136.

³⁹ DAp 131.

Não é difícil descobrir nos textos neotestamentários a consciência do caráter gradual da experiência de fé. Neles se fala de instrução na palavra (Gl 6,6), iluminação (Hb 6,4; 10,32), perfeição (1Cor 2,6) e ser adulto (1Cor 14,20). Em Ef 4,11-16, por exemplo, as “crianças” são contrapostas ao “estado de Homem Perfeito, à medida da estatura da plenitude de Cristo”.

Além das referências lexicais à essa progressiva maturação do discípulo, há páginas no Novo Testamento nas quais se descrevem explicitamente alguns momentos sucessivos do processo de formação cristã. Por exemplo, em *Atos*, a primeira pregação de Pedro (2,14-36) é seguida pela declaração de disponibilidade daqueles que ouviram a palavra (2,37) e pelo convite ao arrependimento e ao batismo para receber o dom do Espírito (2,38). Segue-se a descrição do batismo de fato recebido (2,41) e logo depois se observa que aqueles que tinham sido batizados continuavam a ouvir o ensinamento dos apóstolos, a vivenciar a fraternidade, a fracionar o pão e a orar (2,42).

A Carta aos *Hebreus* distingue expressamente um “ensinamento elementar a respeito de Cristo”, no qual se dão as indicações fundamentais sobre a vida cristã, de uma instrução mais completa e mais profunda que conduz à “perfeição adulta” (Hb 6,1-6), deixando entrever que há um período de instrução relacionado com uma participação mais intensa na vida comunitária.

A possibilidade de identificar, portanto, na igreja primitiva a consciência de um itinerário cristão por ser percorrido em momentos sucessivos, pode ajudar-nos a pôr em ato uma “pastoral bíblica da iniciação”, entendida como animação bíblica do itinerário formativo do discipulado missionário,⁴⁰ que o habilita gradualmente a conhecer a Escritura e, conseqüentemente, conhecer a Cristo e anuncia-lo.⁴¹

A esta altura poderíamos aventar uma hipótese de trabalho pastoral segundo a qual os “quatro Evangelhos”, na ordem *Marcos-Mateus-Lucas-João*, poderiam ser considerados “cateismos fontais”, isto é, indicativos do conteúdo e do espírito característico dos diversos momentos desse itinerário de formação discipular.⁴²

Esclarecemos que temos consciência de que há uma diversidade entre os evangelhos e que essa é devida a muitos motivos amplamente destacados pela pesquisa bíblica, como, por exemplo, a multiplicidade das fontes e das tradições

⁴⁰ DAp 248.

⁴¹ DAp 247.

⁴² BENTO XVI, PP., Sessão inaugural dos trabalhos da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe, na sala de Conferência do Santuário de Aparecida – discurso (13 de maio de 2007), n. 3.

subjacentes, o público diverso para o qual foram escritos, a mentalidade teológica dos redatores, dentre outros.

O que queremos aqui destacar é que, na avaliação dessa diversidade, jamais se nega a intenção primeira e específica de cada um deles de servir ao processo de maturação cristã. Propomos a hipótese de que é possível identificar quatro momentos sucessivos de maturação cristã: a iniciação catecumenal (*Marcos*), a introdução à vida comunitária (*Mateus*), a orientação para a evangelização (*Lucas*) e a maturidade contemplativa (*João*). A leitura dos quatro evangelhos na igreja, na perspectiva da construção do discipulado missionário, poderia aflorar o ato de fé e as atitudes de fé necessárias para a nova etapa que a igreja se dispõe a empreender a partir da Conferência de Aparecida.⁴³

3. O estado de formação permanente da comunidade cristã

Diz o Documento de Aparecida que “Jesus está presente em meio a uma comunidade viva na fé e no amor fraterno”.⁴⁴ A comunidade “é o lugar onde o discípulo [...] cultiva uma relação de profunda amizade com Jesus Cristo e procura assumir a vontade do Pai”.⁴⁵

Nessas indicações (existem outras) podemos perceber a importância que a dimensão comunitária tem na formação e na vida do discípulo missionário, à luz de Aparecida. É preciso reconhecer que, durante muito tempo, a vida cristã foi caracterizada por suas dimensões individuais, devido, em grande medida, ao enfraquecimento da noção de que a igreja é assembleia, congregação, povo reunido.

Basta uma breve análise do Novo Testamento para dar-nos conta de que a vida cristã se manifesta e desenvolve na forma de uma comunidade de homens e mulheres que creem em Jesus Cristo e que tudo compartilham porque se consideram radicalmente irmãs e irmãos (At 2,42-47).

Embora, na prática, devemos reconhecer que viver em comunidade seja um grande desafio, é preciso afirmar que a experiência cristã tem vigência na medida em que é pujante a vida comunitária. Quando a fé é convicção pessoal de todos os membros do grupo, a conversão se traduz seja em suas expressões individuais, seja em expressões coletivas. Nesse sentido se expressa Aparecida:

⁴³ DAp 247.

⁴⁴ DAp 256.

⁴⁵ DAp 255.

A vocação ao discipulado missionário é con-vocação à comunhão em sua Igreja. Não há discipulado sem comunhão. Diante da tentação, muito presente na cultura atual de ser cristãos sem Igreja e das novas buscas espirituais individualistas, afirmamos que a fé em Jesus Cristo nos chegou através da comunidade eclesial e ela “nos dá uma família, a família universal de Deus [...]. A fé nos liberta do isolamento do eu, porque nos conduz à comunhão”. Isto significa que uma dimensão constitutiva do acontecimento cristão é o fato de pertencer a uma comunidade concreta na qual podemos viver uma experiência permanente de discipulado e de comunhão.⁴⁶

A partir do que diz o Documento, parece-nos possível afirmar que uma comunidade eclesial é constituída por pessoas que creem em Jesus de Nazaré, o Crucificado-Ressuscitado. Essa fé comum é a base e o fundamento de qualquer comunidade cristã. Dito de outro modo, o que especifica a comunidade cristã não são as características humanas do grupo (ainda que tenham sua importância), mas a capacidade de construção de relações familiares/fraternais a partir da fé em Jesus, o Crucificado-Ressuscitado.

O mais característico e decisivo numa comunidade cristã é evidentemente, a fé no querigma cristão, mesmo quando esse ainda não foi aprofundado em suas diversas dimensões. De acordo com a Sagrada Escritura, o Espírito Santo é derramado sobre todos, não estando reservado a um determinado grupo ou estado na igreja (Gl 6,1). O poder e a missão, que capacitam ao testemunho na história, pertencem a toda igreja e todos os seus membros. Todos formam um povo régio, profético e sacerdotal, destinado a anunciar as maravilhas de Deus (1Pd 2,9; Ap 1,6; 5,10; 20,6). O testemunho da fé é confiado a todos os que acreditam no querigma. Essa verdade cristã tão fundamental e originária, que ficou durante muito tempo adormecida, emerge, em nossos tempos com muita força.

A *Dei Verbum* afirma que a igreja transmite a sua fé não somente em fórmulas de fé, mas também mediante “tudo o que ela é, tudo o que ela crê”.⁴⁷ As experiências de fé de todos os membros da família eclesial fazem parte integrante dessa. Tais experiências do único e mesmo querigma tendem a variar à medida em que um membro seja um “catecúmeno”, um “neófito” ou um “adulto”, para usar a distinção clássica oriunda do catecumenato primitivo.

Nesse sentido, é normal nos depararmos com discrepâncias entre a doutrina, a experiência cultural e a vivência quotidiana dos diversos membros e

⁴⁶ DAp 156.

⁴⁷ DV 8.

seus “estados de pertença eclesial” (o que nos nossos tempos não é raro). Não é possível resolver tais conflitos e tensões, sem dedicarmos nossa atenção à formação de todos os membros da comunidade eclesial, respeitadas, contudo, as suas situações concretas de aprofundamento do querigma. Aos “catecúmenos” será oferecido o “catecumenato”, aos “neófitos” a “mistagogia”, aos “adultos” a “formação permanente”. Tais etapas formativas devem ser entendidas, porém, como uma tarefa básica da comunidade.

Para levar a cabo essa ação catequética toda a comunidade precisa perceber-se em estado permanente de iniciação, em outras palavras, a iniciação não é uma tarefa que a comunidade oferece aos “de fora que querem entrar”, mas é sim, sua raiz. Na comunidade, uns são para os outros catequistas, pois a própria catequese é criadora da comunidade, fazendo com que, de algum modo, todos os membros sejam “catecúmenos”, “neófitos” e “adultos”, ao mesmo tempo. A primitiva distinção entre esses três estratos, ainda que tenha validade e importância onde o catecumenato se dá *stricto sensu*, é quase fictícia pois diante do querigma temos sempre que progredir na profissão, na celebração, na vivência e no testemunho de fé.

4. A dimensão educativa da liturgia

O Documento de Aparecida considera a liturgia como um lugar de revelação de Jesus Cristo e de educação para o discípulo missionário:

Encontramos Jesus Cristo, de modo admirável, na Sagrada Liturgia. Ao vivê-la, celebrando o mistério pascal, os discípulos de Cristo penetram mais nos mistérios do Reino e expressam de modo sacramental sua vocação de discípulos e missionários. A Constituição sobre a Sagrada Liturgia do Vaticano II nos mostra o lugar e a função da liturgia no seguimento de Cristo, na ação missionária dos cristãos, na vida nova em Cristo e na vida de nossos povos nele.⁴⁸

Percebemos, no Documento, como ela é entendida como a plenitude da vida divina que se difunde no tempo e progressivamente transforma e transfigura a vida do discípulo de Cristo. O consórcio entre revelação e educação constitui uma verdadeira riqueza e pode ser pensado como uma contribuição específica que a liturgia oferece à formação do discípulo missionário.

⁴⁸ DAp 250.

A liturgia é educação enquanto é revelação. Revelando o plano divino da salvação (*mystérion*), ela educa a esse plano, isto é, introduz sempre mais o discípulo na vida divina, modelando a sua existência segundo a forma de Cristo. Ao mesmo tempo, educando, a liturgia desvela as múltiplas dimensões do plano divino da salvação, ajuda a compreender a inexaurível superabundância do amor de Cristo e introduz na verdade da vida cristã.

Cabe destacar que o sentido do verbo “revelar” não é somente desvelar, mas, também, velar novamente. A liturgia, assim, pode ser entendida como um momento iluminador, mas que segue a limitada possibilidade humana de enxergar o mistério de Cristo. Dessa forma, entramos num círculo virtuoso feito de repetições, mas que trazem consigo sempre algo inaudito. A inteligência do discípulo é convidada a compreender de maneira sempre nova e a seu coração ardente é estimulado a aderir sem a pretensão de exaurir a riqueza do mistério da salvação.

Seguindo a *Sacrosanctum Concilium*, o Documento de Aparecida entende que a liturgia é uma fonte que dessedenta a todos,⁴⁹ sem se esgotar, permanecendo sempre disponível a quem deseja penetrar a inefabilidade do mistério divino.

Contudo, nessa relação entre dimensão reveladora e educadora da liturgia, o primado permanece sendo da revelação, do ser sobre o agir. Nesse sentido, podemos afirmar que revelando, a liturgia reestabelece o primado da verdade sobre a liberdade, da contemplação sobre a argumentação, do sentimento sobre a razão.⁵⁰

É nesse sentido que Aparecida diz:

É necessário formar os discípulos em uma espiritualidade da ação missionária, que se baseia na docilidade ao impulso do Espírito, a sua potência de vida que mobiliza e transfigura todas as dimensões da existência. Não é uma experiência que se limita aos espaços privados da devoção, mas que procura penetrá-los completamente com seu fogo e sua vida.⁵¹

O discípulo missionário precisa ser ajudado a tornar-se um místico, um contemplativo dos mistérios de Deus. O objetivo dessa mística é a restauração da totalidade, em meio à fragmentação dos tempos atuais, é o reencontrar um

⁴⁹ SC 10: “a Liturgia é o cume para o qual tende a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, é a fonte donde emana toda a sua força”.

⁵⁰ GUARDINI, R., *Lo spirito della liturgia*, p. 110.

⁵¹ DAp 284.

centro de equilíbrio, mesmo nas horas de dor e de violência. Assim, a liturgia se apresenta, contemporaneamente, como vértice da história da salvação e como centro da vida concreta do discípulo missionário.

Espaço onde ele é convidado a conjugar o *ephapax* (uma vez) e o *hosakis* (toda vez), isto é, a dialética entre o mistério pascal realizado uma vez por todas nas profundezas da história e toda vez nas múltiplas dimensões de sua vida concreta. Essa dialética exprime a dinâmica essencial da ação educativa promovida pela liturgia.

O primeiro meio próprio de educação é a catequese.⁵² Essa, porém, deve assumir sempre mais a forma mistagógica que consiste no manter a unidade entre *lex orandi*, *lex credendi* e *lex vivendi*.⁵³ Em sua origem, esse adágio queria expressar, em síntese, que a liturgia veicula o dado da fé e a experiência concreta vivida por uma comunidade. A expressão traz consigo um triplice significado: doutrinal, espiritual e eclesial.

Em primeiro lugar, evidencia que a liturgia é regra e norma de fé, porque nela se encontra expresso “aquilo que a Igreja crê e aquilo que a Igreja espera”.⁵⁴ Na liturgia, se alimenta e se exprime o conteúdo de fé e se constrói o ato de fé.

Ao mesmo tempo, a expressão sublinha que a fé não é somente um ato (*actus*), mas também uma atitude persistente da liberdade (*habitus*), uma incessante renovação dos atos, uma realização constante da existência. A liturgia, portanto, define não somente a profissão de fé, mas toda a vida do discípulo missionário e a infinita série de situações, emoções, linguagens, atitudes que compõe essa vida.

Por fim, o adágio recorda que a interrelação entre ato de fé e atitude de fé só é possível num contexto vital: a comunidade cristã. A liturgia é o ambiente no qual o discípulo missionário é educado à vida comunitária, é convidado a aprender a pensar a fé e vive-la *cum Ecclesia* e *in Ecclesia*.

A catequese mistagógica promovendo a unidade entre fé celebrada, professada e vivida, ou seja, entre ato de fé, atitude de fé e o contexto de fé, resulta o meio mais apropriado para promover uma educação que ajude o discípulo a viver individual e comunitariamente o mistério de Cristo. A catequese mistagógica se caracteriza como uma pedagogia a serviço da vida,

⁵² GE 4.

⁵³ MD 3.

⁵⁴ DV 8.

pois intenciona favorecer o processo vital da progressiva empatia da vida de Cristo na vida do discípulo missionário.⁵⁵

Conclusão

A catequese a serviço da iniciação à vida cristã é um serviço eclesial essencial para a formação e o crescimento da igreja. Sem uma catequese eficiente não teremos pessoas maduras na vida da comunidade eclesial. A catequese deve oferecer a iniciação aos mistérios divinos, bem como um itinerário, que é um processo de educação da fé.

A iniciação cristã que inclui o querigma é um modo prático de colocar o interlocutor em contato com Jesus Cristo e introduzi-lo no discipulado. Dá-nos, também, a oportunidade de fortalecer a unidade dos três sacramentos da iniciação e aprofundar o seu rico sentido. A iniciação cristã, propriamente falando, refere-se à primeira iniciação nos mistérios da fé, seja na forma do catecumenato batismal para os não batizados, seja na forma do catecumenato pós-batismal para os batizados não suficientemente catequizados.⁵⁶

O conceito de catequese que a Conferência de Aparecida propõe encontra-se intimamente ligado com a proposta pedagógica de um caminho de crescimento na fé e de formação para o discipulado missionário. Nesse primeiro decênio de recepção de Aparecida, fomos convocados a dar um salto significativo em nossa missão evangelizadora. Fomos impelidos a ultrapassar os limites de uma pastoral catequética de conservação para uma pastoral decididamente missionária, propondo itinerários catequéticos de amadurecimento da fé e metodologias capazes de suscitar discípulas e discípulos e gerar a consciência de vida cristã que culmina na missão.

Sem prolongar muito, podemos afirmar que tal elã missionário da catequese presente no Documento de Aparecida estende-se à toda igreja com o Papa Francisco, em sua *Evangelii Gaudium*, quando ele discorre sobre a necessidade de uma catequese querigmática e mistagógica.⁵⁷

No Brasil demos passos significativos na ação evangelizadora da catequese com o *Estudo 97* da CNBB,⁵⁸ cujo pedido lato está no Documento de Aparecida. Em 2014, demos mais um passo com o *Itinerário Catequético* com

⁵⁵ SaC 64.

⁵⁶ DAp 288.

⁵⁷ EG 163-168. A esse respeito ver o estudo: MORAES A., A Catequese hoje, p. 263-276.

⁵⁸ CNBB, Estudo 97.

propostas para a prática da iniciação à vida cristã nas Igrejas particulares.⁵⁹ E, em 2017, na Assembleia Anual da Conferência Episcopal, que trouxe à luz o *Documento 107* com a proposta de um itinerário para formar discípulos-missionários.⁶⁰

A vida cristã é um contato, um encontro pessoal, uma transmissão e uma geração de vida, um explorar a vida de Cristo. Ela não começa “por uma decisão ética ou uma grande ideia, mas pelo encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá um novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva”.⁶¹

Diante de um mundo em processo de profunda mudança, a Conferência de Aparecida sentiu a urgência de recuperar essa dimensão existencial da vida cristã, recuperar o caminho missionário que consiste no anúncio explícito de Jesus Cristo com a palavra e o testemunho pessoal e comunitário do Evangelho.

Tal recuperação fez com que a catequese se revista de uma natureza mais evangelizadora, missionária, no sentido de estar sempre retornando ao núcleo central da fé, ao anúncio de Jesus Cristo, à proposta de um itinerário experiencial da fé e de inspiração catecumenal.

Nesse sentido é que intencionamos destacar os três aspectos: a consciência de que a vida cristã é composta de etapas de maturação, vividas numa comunidade eclesial e celebradas em sua liturgia. Nossa intenção foi tentar indicar mais claramente alguns traços da face do novo paradigma de catequese em nossos dias.

Tudo isso faz com que a catequese, especificamente, como educação da fé, vá encontrado um novo caminho, à medida que redescobre suas origens. Mas, ao mesmo tempo, percebemos que ela está ardentemente solicitada pelas questões atuais que interessam e envolvem à pessoa humana, os povos latino-americanos e caribenhos e a comunidade eclesial.

Gradualmente a catequese vem renovando-se em sua fonte e em seus prolongamentos. Forçoso é confessar que, nesse tocante, a catequese tateia ainda no período dos ensaios. Por essa razão, não esteve e não estará isenta de tensões várias em muitos temas. Contudo, cremos que, em muitos aspectos,

⁵⁹ COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA ANIMAÇÃO BÍBLICO-CATEQUÉTICO, *Itinerário Catequético*. Os dois autores do presente artigo trabalharam como assessores desse subsídio da Comissão Episcopal da CNBB.

⁶⁰ CNBB, Doc. 107. Moraes foi um dos peritos assessores que trabalhou tanto na fase prévia, como durante toda a 55ª Assembleia Geral da CNBB.

⁶¹ DAp 12.

estamos dando passos significativos na construção desse novo paradigma evangelizador.

Tentamos salientar alguns traços que julgamos importantes e característicos da caminhada catequética nesse primeiro decênio após a Conferência de Aparecida. Ao fazermos isso, demo-nos conta que foi construída tanto uma retrospectiva quanto uma prospectiva, uma vez que tais traços estão em função de um movimento que a catequese a serviço da iniciação à vida cristã precisa ainda continuar realizando.

Consideramos que esses sejam traços tanto do nosso passado recente, bem como de nosso futuro próximo. Muito já fizemos, mas nos encontramos, ainda com muito por fazer, em nosso cuidado em sermos um serviço à iniciação à vida cristã, um itinerário para formar discípulos missionários.

Referências bibliográficas

ALVES DE LIMA, L. **A catequese do Vaticano II aos nossos dias: a caminho de uma catequese a serviço da Iniciação à Vida Cristã.** São Paulo: Paulus, 2016.

BENTO XVI, PP. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Sacramentum Caritatis* sobre a Eucaristia fonte e ápice da vida e da missão da igreja.** Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20070222_sacramentum-caritatis.html>. Acesso em: 11 set. 2018.

BENTO XVI, PP. Sessão inaugural dos trabalhos da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe, na sala de Conferência do Santuário de Aparecida – discurso (13 de maio de 2007). In: CELAM. **Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe.** Brasília: Edições CNBB; São Paulo: Paulus / Paulinas, 2008. p. 267-284.

CELAM. **Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe.** Brasília: Edições CNBB; São Paulo: Paulus / Paulinas, 2008.

COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA ANIMAÇÃO BÍBLICO-CATEQUÉTICA. **Itinerário Catequético.** Iniciação à vida cristã – um processo de inspiração catecumenal. Brasília: Edições CNBB, 2014.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática *Dei Verbum* sobre a Revelação Divina. In: VIER, F. (Org.). **Compêndio do Vaticano II.** Constituições, Decretos, Declarações. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 119-139.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática *Sacrosanctum Concilium* sobre a Liturgia. In: VIER, F. (Org.). **Compêndio do Vaticano II**. Constituições, Decretos, Declarações. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 255-306.

CONCÍLIO VATICANO II. Declaração *Gravissimum Educationis* sobre a Educação Cristã. In: VIER, F. (Org.). **Compêndio do Vaticano II**. Constituições, Decretos, Declarações. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 579-596.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **Diretório Geral para a Catequese**. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1997.

CNBB. **Iniciação à Vida Cristã**. Itinerário para formar discípulos missionários. Brasília: Edições CNBB, 2017. (Doc. 107).

CNBB. **Iniciação à Vida Cristã**. Um processo de inspiração catecumenal. Brasília: Edições CNBB, 2009. (Estudo 97).

FRANCISCO, PP. **Exortação apostólica *Evangelii Gaudium* sobre o Anúncio do Evangelho no mundo actual**. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html>. Acesso em: 11 set. 2018.

GUARDINI, R. **Lo spirito della liturgia: i santi segni**. Brescia: Morcelliana, 2005.

MORAES, A. A Catequese hoje: reflexões teológico-pastorais a partir da *Evangelii Gaudium*. In: AMADO, J. P.; FERNANDES, L. A. (Orgs.). **Evangelii Gaudium em questão: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais**. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2014. p. 263-276.

MORAES, A. A comunicação social na reflexão do Conselho Episcopal Latino-americano: um balanço histórico-teológico. In: PIVA, E. D. (Org.). **Evangelização**. Legado e perspectivas na América Latina e no Caribe. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 90-114.

MORAES, A. Desafios e perspectivas à Pastoral Familiar a partir da *Amoris Laetitia*. **Atualidade Teológica**, v. 20, n. 54, p. 580-598, set./dez. 2016.

MORAES, A. Família, “lugar primeiro” da transmissão da fé: desafios catequéticos a partir do Magistério. **Perspectiva Teológica**, v. 47, n. 131, p. 71-88, jan./abr. 2015.

PIO XII, PP. **Carta Encíclica *Mediator Dei* sobre a Sagrada Liturgia**. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_20111947_mediator-dei.html>. Acesso em: 11 set. 2018.

Abimar Oliveira de Moraes

Doutor em Teologia pela *Università Pontificia Salesiana* de Roma - Itália
Professor do Departamento de Teologia da Pontifícia Universidade
Católica do Rio de Janeiro
Presidente do Conselho Diretor da Associação Nacional de Pós-graduação
e Pesquisa em Teologia e Ciências da Religião
Rio de Janeiro / RJ – Brasil
E-mail: abimar@puc-rio.br

Eduardo Antonio Calandro

Doutorando em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro / RJ – Brasil
E-mail: educalandro@ig.com.br

Recebido em: 19/10/18

Aprovado em: 30/11/18